

Um incômodo feito escrita: a obra de Joel Rufino dos Santos

Camila do Valle¹

Valéria Lourenço² & Maria Aparecida Pires³

Nenhuma especulação sobre a intelectualidade e pobreza no Brasil pode passar ao largo da antiga catadora de papel, ex-empregada doméstica, faxineira de hotel, auxiliar de enfermagem, vendedora de cerveja, artista de circo (...).

Joel Rufino dos Santos (2009b: p. 117).

Há múltiplas entradas para percorrermos o território dos textos de Joel Rufino dos Santos (1941-2015). Falar do Joel escritor, professor, historiador, militante, gestor de instituições públicas e de tantos textos seus tentando abarcar uma análise de todas essas posições seria tarefa tentadora, no entanto, guardada para um momento de maior fôlego. Seus escritos podem tomar as mais variadas formas – romance, história, teoria literária, ensaio, literatura infanto-juvenil, crônica – assim como são diversas as posições que Joel foi ocupando no campo intelectual ao longo de sua trajetória. Posições essas que nos conduzem a determinadas insistências temáticas e à incidência de um olhar incômodo sobre elas.

No ano de 2012, o escritor, nascido no bairro de Cascadura, Rio de Janeiro, e que passou parte da infância em São Luís, foi homenageado duas vezes. A primeira homenagem aconteceu na IV edição da *Festa Literária de Santa Teresa – FLIST*; ⁴ a segunda, no *II África Diversa*.⁵ Talvez esse texto, que também foi inicialmente redigido no ano de 2012 e retomado em 2019, se configure como uma homenagem póstuma a Joel Rufino dos Santos.⁶

¹ Professora Associada de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

² Professora no curso de Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

³ Graduada em Letras pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

⁴ O evento ocorreu em Santa Teresa, bairro do Rio de Janeiro, nos dias 5 e 6 de maio de 2012.

⁵ Evento realizado no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, Rio de Janeiro, entre os dias 20 e 25 de maio de 2012.

⁶ Joel Rufino dos Santos faleceu no Rio de Janeiro, em 04 de setembro de 2015.

Joel foi vencedor do prêmio Jabuti nas edições de 1979 e 2008 e em três ocasiões suas obras foram indicadas ao Prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante prêmio literário da literatura infanto-juvenil.⁷ Em uma entrevista que toca no tema das premiações de sua obra, Joel comenta:

O primeiro [Prêmio Jabuti] foi *Uma estranha aventura em Talalai*, que é a história de um estrangeiro, o tema é esse, um estrangeiro que chega e desorganiza e *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*, esse foi o segundo do Prêmio Jabuti. [...] Esse segundo é o da discriminação, passa no morro do Rio pelos anos de 1950, mas o tema é esse: a discriminação e esse maniqueísmo que coloca de um lado o judeu e o barbeiro trotskista, um alucinado trotskista e de outro o sargento da motocicleta com o aparato da repressão e uma mulher no meio, enfim, são essas as duas premiações (Santos 2012b).⁸

Os dois livros citados acima têm a presença de um personagem “estrangeiro” desestabilizando, mesmo que inicialmente, o modo de vida das comunidades com as quais tem contato. Enquanto o contexto de *Uma estranha aventura em Talalai* é uma comunidade de pescadores que vive de forma tradicional, no livro *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta* a ação se realiza em um morro carioca tendo como pano de fundo a Ditadura Militar da Era Vargas e a Segunda Guerra Mundial. Neste último livro, entre os personagens estão um judeu, um barbeiro simpático às ideias comunistas e um sargento atuante no regime militar.

Na época do Golpe Militar de 1964, Joel era estudante de História na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lá ele foi assistente do historiador Nelson Werneck Sodré no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Sobre esse encontro e o que isso representou em sua vida, em outro trecho da entrevista, Joel afirma:

Então, como eu estava dizendo, o Gladston um dia chegou para mim e disse: eu tenho aqui um livro que vai mudar a nossa maneira de ver o Brasil e me deu o *Introdução à Revolução Brasileira*, isso deve ter sido no ano de 1959, por aí assim. Eu me interessei em ler Werneck Sodré: o *Introdução à Revolução Brasileira* me provocou um impacto... Aí, eu fui à Biblioteca Nacional e comecei a ler... Pouco mais tarde, quando eu entrei na faculdade de Filosofia, levado por essa leitura do Werneck Sodré, achando que ali estava a chave, eu comecei... no grêmio, a gente tinha uma revista, o *Boletim de História*, era revista de aluno e a gente

⁷ Joel Rufino dos Santos venceu o 21º Prêmio Jabuti em 1979 na categoria Literatura infanto-juvenil com o livro *Uma estranha aventura em Talalai* e, em 2008, na 50ª edição do Prêmio, venceu na categoria Literatura juvenil com o livro *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*. As indicações ao prêmio Hans Christian Andersen ocorreram nos anos de 2004, 2006 e 2014.

⁸ Entrevista de Joel Rufino dos Santos à Camila do Valle no ano de 2012. Ver parte da transcrição da entrevista neste presente número da *Brasiliiana: Journal for Brazilian Studies*.

publicava algumas coisas, eu publiquei e ele ficou sabendo, e, através de um outro colega, me convidou para trabalhar no ISEB com ele. Para mim, aquilo foi uma mudança de *status* muito grande, eu era um aluno de faculdade de História e passava a ser assistente do Werneck Sodré. Você pode imaginar o deslumbramento para mim e sempre com um sentimento de que eu não merecia, mas por outro lado, eu o compreendia, ele queria ter assistentes jovens, ele queria formar... [...] Porque eu ainda não tinha me formado, o que não quer dizer nada. Eu tinha 21 anos, eu não tinha massa crítica, não era um historiador. [...] Então, depois de tantos anos, as pessoas que nos conheceram, que leem e tudo, dizem que eu fui o único que seguiu na trilha dele, que ficou com um legado dele. Então, isso já é alguma coisa para dizer, outra coisa é que ele foi, de fato, o meu mestre. Todo intelectual, todo profissional, quase todo tem mestre, uma pessoa que delineia o caminho e você, às vezes, quer fugir disso, afinal o mestre é um pai (Santos 2012b).

Essa proximidade com Nelson Werneck Sodré também é citada no livro de memórias de Joel Rufino, *Assim foi (se me parece)*:

Convivi com Nelson Werneck Sodré (1911-1999) diariamente por dois anos, até que o Primeiro de Abril de 1964 nos separou. [...] Quando me decidi pelo asilo na embaixada da Bolívia, ele preferiu o interior de São Paulo (Fernandópolis) onde acabou preso (Santos 2008, p.13).

Militante na época da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), Joel ficou exilado no Chile e na Bolívia e viveu a experiência da prisão, que foi um divisor de águas na vida do escritor. Foi na convivência com um dos presos que Joel Rufino fez a escolha pela identidade cultural que o acompanharia ao longo da sua vida: a identidade negra, além de engajá-lo neste lugar do negro como espaço de luta. Afinal, como diz o próprio escritor “negro é quem se diz negro” (Santos 2010a, p.13).

O episódio de encontro de Joel com seu passado (ou futuro que o aguardava) é narrado pelo próprio autor em pelo menos dois de seus livros. O primeiro faz parte de *Assim foi (se me parece)*:

Sidão me observou longo tempo antes de se aproximar. Me contou sua desgraça. [...]. Cruzávamos diariamente na escada do solário, mas me pegou de surpresa: – Qual é a tua manha, neguinho, pra ficar com os terroristas? (Santos 2008, p.91).

Em seguida, o mesmo encontro com Cidão⁹ é narrado, desta vez com mais detalhes, no livro de ensaios *A banheira de Janet Leigh*:

Em junho de 1973, preso político, eu subia para o regulado banho de sol, uma escada do Presídio do Hipódromo (São Paulo). Cruzo com o “xerife” Cidão, negro, alto e forte, assaltante à mão armada me interpelou: – Qual é a tua manha, neguinho, para ficar com os terroristas? Os presos políticos haviam conquistado chuveiro quente, cozinha exclusiva, visita mais longa. Inútil explicar a Cidão que havia presos políticos pretos – cerca de dez no país inteiro. Cidão queria saber a fórmula. A sua dera em mais de cinquenta anos de cadeia, sem contar os *pepinos* ainda não investigados. Exigia, na escada, a minha manha (Santos 2009a, p.99).

Joel percebeu, nesse encontro, que havia uma divisão entre presos comuns e presos políticos, que existia uma questão racial imbricada e, a partir dali, houve uma tomada de posição frente a esse reconhecimento.

Ao longo de sua trajetória, Joel Rufino optou por falar de assuntos que exigem posicionamentos fortes: a literatura, o “pobre”, a história oficial, o negro. Aliás, este último tópico toma boa parte dos escritos do autor, que nos diz:

[n]egro é um lugar social fixado por muitas coordenadas: a cor escura da pele (muito variável), o nível de renda (um endinheirado sempre parecerá menos negro), a cultura popular (gosto pelo samba, comidas, macumba etc.), a ascendência escrava e/ou africana e, principalmente, quem vê e é visto como negro [...] (Santos 2008, p.128).

Nas cenas iniciais do documentário *Eu não sou seu negro* (2017), escrito por James Baldwin e dirigido por Raoul Peck, o narrador (na voz de Samuel L. Jackson) relembra a importância que uma professora branca teve durante sua infância no ambiente escolar. Por vezes, segundo ele, essa proximidade com as crianças negras fazia com que ela fosse tratada como uma negra. Guardadas as devidas diferenças da história dos negros nos Estados Unidos da América e dos negros no Brasil, esse episódio dá uma dimensão da visão do negro como um lugar social.

Ainda continuando a leitura de textos de Joel, o professor-escritor-provocador traz constantes indagações aos seus leitores, a partir de palavras cuidadosamente escolhidas que

⁹ No livro *Assim foi (se me parece)* o nome do personagem aparece grafado como Sidão. Em *A banheira de Janet Leigh*, o nome é grafado como Cidão.

(re)mexem com as estruturas do senso-comum. Afinal, segundo Joel, “só para os religiosos há uma Palavra verdadeira. Para os historiadores, há palavras, cada uma com a sua verdade” (2011, p. 10). A materialidade do texto, o corpo das palavras e sua carga de significados é que irão compor o que se chamará ou não de verdade. Entretanto, mesmo citando a história, Joel sempre esteve no universo da literatura. Para ele: “[o]s estudos históricos não teriam, aliás, me atraído, se não fosse por intermédio de que levasse em conta o papel da literatura” (Santos 2008, p.42). Tal perspectiva proporciona para o leitor de literatura um conhecimento da história e, para os amantes da história, um flerte com a ficção.

Percebemos, assim, que a forma como ele narrava as histórias e construía seus personagens eram reflexos do modo como ele via a literatura:

Dentro da literatura, mesmo que possa não haver política, no sentido de política dos políticos, há política no sentido de luta pelo poder. A não ser para quem vê a literatura como uma coisa caída do céu (Santos 2012b).

Para Joel Rufino, a literatura, justamente por ser um lugar político, serviria para auxiliar na reescrita da história:

Muitas vezes a ficção revela mais da sociedade que as ciências sociais (história, antropologia, sociologia, economia, etc.) ao criar uma virtualidade: não acontece, mas poderia acontecer, inclusive aquilo que o leitor está realmente vivendo. A literatura coteja, todo o tempo, o que foi e o que poderia ter sido (Santos 2010a, pp.24-25).

Joel vê a literatura como uma das possibilidades de repensar outras formas de mundo, reinventar outros finais para uma história e permitir-se preencher com a imaginação os fatos que a documentação oficial historiográfica não alcança. No entanto, não será somente na obra adulta ou juvenil que encontraremos tal percepção, pois seus textos infanto-juvenis não estão destacados desse olhar incômodo e provocativo. O trecho a seguir exemplifica as camadas de leituras que podem ser feitas em uma única frase:

Esta história se passou há mais de cem anos, **num tempo em que tudo era possível**. [...] O moleque fora comprado bem novinho no mercado. Seu trabalho ia ser brincar com o filho do dono (Santos 2006, pp.3-5, grifo nosso).

Através da multiplicidade da escrita de Joel, vimos, no fragmento citado, retirado do livro *O presente de Ossanha* – inserido na categoria infanto-juvenil – como a literatura

caminha ao lado da história para uma crítica à forma como a sociedade se organiza e como conta a história dessa organização. O autor leva a criança que ouve, lê ou vê seus livros a pensar sobre o cenário ali desenhado. O personagem-central – Moleque – é um menino-escravo e a criança-leitora indaga: “uma criança negra foi comprada para servir de brinquedo para uma criança branca? Isso existiu?” E o próprio autor nos responde: “num tempo em que tudo era possível”, obrigando, assim, a criança a tomar contato com um contexto histórico que ultrapassa tanto o universo doméstico quanto o universo escolar, vinculando a criança a uma reflexão sócio-histórico-filosófica, que exige um sentimento em relação ao mundo e às suas estruturas, ao mesmo tempo que respeita o tempo de crescimento e amadurecimento de cada criança. A reflexão que completará o texto irá até o ponto que a criança assim o exigir, levando em consideração quais outros elementos serão dados a ela para completar o texto, que não é óbvio e nem vem pronto. Assim como os objetos de outro livro seu, também escrito para crianças: *Aventuras no país do Pinta-Aparece*. E é importante perceber que nem sempre este contexto histórico que Joel traz em seus livros será tão criticamente apresentado para o público infantil, a partir das vivências familiares e dos conteúdos escolares.

Essa percepção da importância de uma formação crítica mesmo nas crianças, seria reflexo de sua proximidade com temas e pessoas que pensaram sobre a educação no Brasil. Mais uma vez nos referimos a Nelson Werneck Sodré que, antes da Ditadura Militar, estava elaborando com seus alunos e assistentes do ISEB, incluindo Joel, a *História Nova do Brasil*. E, durante sua trajetória como gestor público, Joel Rufino também trabalhou um período com Darcy Ribeiro, que o convidou para atuar como diretor do Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro. Segundo Rufino: “O Darcy tinha uma concepção de cultura bem mais avançada do que a concepção conservadora e do que é vigente. Ele tinha essa coisa do patrimônio indígena, da história indígena [...]” (Santos, 2012b).

O cuidado de Joel na escrita da literatura infanto-juvenil afirma essa luta pela educação e sua perspectiva de que aquele também era um lugar de se fazer política. No excerto abaixo, Joel fala acerca de como começou a escrever para o público infantil e de como ele vê essa literatura:

Foi meu primeiro livro de criança, chamava-se *Aventuras no país do Pinta-Aparece* que é o título da primeira história que eu tinha tentado na revista *Recreio*. Então, eu comecei a escrever para criança através da *Recreio*, se não fosse a *Recreio*, eu não tinha começado e, aí, comecei a me sentir mais seguro e na medida em que me senti mais seguro comecei a ver, dito também pelos outros, que tinha uma particularidade nessas minhas histórias, quer dizer, que eu tinha uma maneira peculiar e que só podia ser a temática, quer dizer, a

- 409 -

oralidade como maneira, como estilo, a temática afro-indígena e eu até acrescentaria afro-indígena-caipira. E uma terceira peculiaridade que também apontavam é que as minhas histórias não eram nhem-nhem-nhem (aquela história que o adulto conta para a criança, escreve para a criança, achando que, com isso está fazendo literatura). É muito comum pessoas que dizem “escrevi uma história para crianças”, “sou autora para criança” e o que fazem é nhem-nhem-nhem (o coelhinho, a orelhinha, o gatinho, o bebezinho... tudo eminho) infantilizando a criança. Isso não é literatura, pode ser até interessante, bonitinho... (Santos 2012b).

Aqui, Joel afirma por duas vezes seu papel como escritor de livros infantis. Primeiro, centrado em uma temática específica: a temática afro-indígena-caipira e, em seguida, percebendo o livro infantil também como um espaço para discutir diversas questões que estão colocadas no cotidiano.

Assim como são variadas as produções de Joel Rufino dos Santos, a heterogeneidade será uma característica da comunidade de leitores de sua obra. Constatamos trabalhos de sua autoria citados em uma diversidade ampla de escritos, provenientes de diferentes campos do saber acadêmico: antropologia, sociologia, literatura, pedagogia, entre outras. Entretanto, a temática afro-brasileira nos parece especialmente marcada para os leitores da obra de Joel. Leitores que se multiplicam para além da academia, tendo as crianças sido um público privilegiado com o qual Joel escolheu dialogar.

Neste momento, traremos para o texto, pesquisadores e pesquisadoras que dialogaram com textos de Joel, em diferentes lugares e áreas disciplinares. Em *Querebentã de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão*, ao citar uma lista de instituições e trabalhos que contribuíram para o estudo da religião afro-maranhense nos últimos anos, o antropólogo Sérgio Ferreti afirma que: “No Maranhão, podemos indicar o Centro de Cultura Negra – que publicou o trabalho de Joel Rufino dos Santos (1985)”¹⁰ (Ferreti, 2009, p.31). Saindo do Maranhão para a Bahia, a pedagoga Vanda Machado, doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, em seu artigo “Por uma pedagogia nagô”, destaca Joel Rufino como referência para o seu trabalho.

Li o texto [*História do negro no Brasil*] de Joel Rufino no caderno de textos para o “Encontro Resistência e Inclusão e sua fala está na direção de que na luta pela construção de um novo rumo, ou de um novo cognitivo para a sociedade brasileira, negro é um dos nomes do povo brasileiro (Machado 2003, p. 121).

¹⁰ Referência ao livro *História do negro no Brasil* (aulas ministradas durante a IV Semana do Negro no Maranhão).

Além da interessante coincidência de Machado e Ferreti se referirem ao mesmo livro *História do negro no Brasil*, é importante também destacar aqui a citação do livro *120 anos de Abolição: 1888-2008* do cientista político Jorge da Silva.¹¹ O autor utiliza as leituras de Joel Rufino em dois momentos do texto. Inicialmente, quando fala sobre as definições de racismo: “Como conclui Joel Rufino dos Santos no seu *O que é racismo* (Santos, 1980, p. 39), este, ‘sob a sua forma atual, baseado na cor da pele, é filho do colonialismo’” (Silva, 2008, p. 28); e, em seguida, ao marcar de onde profere seu discurso: “Falo como negro. Ou, mais precisamente, do lugar do negro, como diria Joel Rufino dos Santos, isto é, de um lugar ocupado por quem se identifica com um grupo humano específico, portador de fortes marcas da ascendência africana” (Silva 2008, p. 120).

Além de toda essa rede de leituras que são feitas a partir da obra de Joel Rufino dos Santos, analisar sua produção bibliográfica nos permite perceber que ele mesmo conceitua termos com os quais podemos defini-lo. Entre eles, destacamos o “intelectual crítico”, “aquele que tem consciência de não haver inteligência nem cultura *universais*,¹² já que todo saber é de classe, socialmente interessado e historicamente produzido” (Santos 2008, p.153). Joel, portanto, é o que poderíamos definir como um “intelectual crítico”. E poderíamos adicionar outra definição, também dele: Joel é um “trabalhador da cultura”, “que se empenhará em estimular a emergência e o desdobramento dos *processos culturais autônomos* (a gíria, o pagode de raiz, os folguedos ditos folclóricos)” (Santos 2004: p. 250).

Politicamente engajado, preocupado com a invisibilidade dos que sofreram um “apagamento” histórico-social, inclusive, na literatura, o escritor procura ler atentamente a figura do “pobre”, do “negro” e do “intelectual” em seus textos e de como esses três tipos se encontram socialmente, fugindo de estereótipos que, muitas vezes, são usados para perpetuar estigmas e marcar o *lugar* de determinados grupos sociais na sociedade, através dos aparelhos ideológicos do Estado. Em consonância com o que Stuart Hall declara, apesar deste último, aparentemente, não ser uma leitura presente entre as referências de Joel Rufino, já que Hall passa a ser um nome mais reconhecido no Brasil a partir dos anos 2000:

¹¹ Atualmente, professor adjunto da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

¹² Grifo do autor citado.

O que importa são as rupturas significativas – em que velhas correntes de pensamento são rompidas, velhas constelações deslocadas, e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas (Hall 2009, p. 123).

Neste momento, lançamos mão de outra teórica contemporânea preocupada com temas correlatos – alteridades em relação a grupos dominantes – para intervir neste texto que ora é tecido. Gayatri Spivak diz que dois sentidos do termo ‘representação’ interessam, nas páginas iniciais de seu livro *Pode o subalterno falar?: a representação como ‘falar por’, como ocorre na política, entre eleitores e eleitos, por exemplo e a representação como re(a)presentação, “como aparece na arte ou na filosofia”* (2010, p.31). Ao “representar”, no sentido de “falar por”, o intelectual leva em consideração a sua própria experiência para falar pelo outro, que surge como um “ser objeto”, quase sempre generalizado, a fim de confirmar as suas certezas e “definir sua própria arena como a da ‘experiência concreta’, ‘o que realmente acontece’ (Spivak 2010, pp. 29-30). Já o intelectual que “representa”, procura conhecer o outro. Ao falar da personagem Carolina Maria de Jesus – autora da epígrafe escolhida para abrir o texto, não aleatoriamente, visto que Carolina foi por vezes vista como sujeito ou objeto (Nogueira 2013) –, Joel se utiliza do que ele denomina uma “metodologia dita de *caso*: um acontecimento comovente no qual abrimos janelas (*links*, se diz hoje) sobre outros acontecimentos” (Santos 2009b, p. 22). Ou seja, ele utiliza a escritora para estabelecer uma conexão entre os múltiplos fatores que se apresentam em torno dela, e, a partir daí, o intelectual passaria a tecer suas considerações, tendo como subsídio a fala do outro – sendo o outro, porque “cada vez que vive uma experiência como se fosse o outro, você se acrescenta de humanidade” (Santos 2009a, p. 114).

Há que se considerar outra forma de “representação” não contemplada nas duas descrições de Spivak: a autorrepresentação, tal como acontece no livro *Nice guerreira: mulher, quilombola e extrativista da floresta*,¹³ publicado no ano de 2016 pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, no qual antes objetos, agora esses (as) agentes sociais são vistos como sujeitos e podem ser autores (as) de suas narrativas.

No livro sobre Carolina, Joel fala sobre uma relação de aproximação e estranhamento com a escritora da Canindé:

¹³ O livro foi organizado pelas pesquisadoras Camila do Valle, Cynthia Martins e Patrícia Portela e faz parte de uma coleção intitulada “Narrativas quilombolas”.

O lugar de onde a olhei é privilegiado – sou, portanto, suspeito. Lugar de intelectual negro, classe média, que nunca passou fome e frio. Lugar suspeito, mas não desprezível, já que este próprio lugar me permite pensar os outros e a mim *em relação* com eles (Santos 2009b, p.21).

É como se Joel se aproximasse de Carolina, por serem dois intelectuais negros, e, simultaneamente, houvesse o estranhamento do pertencimento de classe, como ele descreve. A escrita de Carolina carrega uma inquietação que incomoda Joel Rufino, os lugares de onde falam são diferentes, as experiências de vida são outras, mas o sentir-se afetado possibilita a troca de conhecimentos, assim como nos mostra o seguinte trecho:

O encantamento por meio da palavra se revela por uma sensação de estranhamento que acomete o leitor quando menos espera. No diário de Carolina, e em seus outros escritos, publicados ou não, esse estranhamento é frequente (Santos 2009b, p.23).

Re(a)presentar a personagem de Carolina talvez seja uma forma de questionar a unilateralidade na qual a História, tantas vezes, oficialmente, se fez no Brasil, privilegiando os grupos dominantes economicamente em detrimento de tantos outros que verdadeiramente contribuem para a construção e consolidação das identidades do território nacional. Qual a probabilidade que uma catadora de lixo, negra e com pouco estudo, tem de causar o impacto que Carolina Maria de Jesus causou com seu livro *Quarto de despejo* em uma sociedade preconceituosa, em que “[o] branco é o lugar óbvio de onde se fala e se lê no Brasil”? (Santos 2004, p. 39). Improvável, não impossível, que alguém que luta contra a fome consiga “ter escrito uma obra, cerca de cinco mil manuscritos, da anotação breve ao romance, com domínio tão pequeno da norma culta” (Santos 2009b, p. 24). Norma que fica, portanto, apequenada em sua importância diante da grandeza das metáforas, das descrições e dos temas inéditos para essa sociedade perdida até hoje em discutir a indiscutível importância de Carolina.

No livro *Épuras do Social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*, em que Joel reúne vários exemplos de “negros” e “pobres” que estiveram nesse papel de intelectual, Joel revela, novamente, o vínculo que teceu, ao longo de sua própria trajetória, entre a literatura e a história:

A literatura é a única história do pobre – assim como a música popular, o enredo da escola de samba, a arquitetura e a decoração dos mocambos, o artesanato artístico, o futebol-arte, e a literatura oral – porque o institui como sujeito desejante (Santos 2004, p. 35).

E mesmo em seu texto ficcional, como no romance *Bichos da terra tão pequenos*, nos traz personagens que transitam entre o mundo das letras, do futebol, da escola de samba, da religiosidade. Ali, Camilo – chamado Vinquinho, quando criança – adorava ler. A professora “[...] dona Edite, preta como ele, o fez decorar ‘O navio negreiro’ [...]” (Santos 2010b, p. 20) e disse: “Os brancos fizeram o diabo com nossos avós. Agora vão engolir um pretinho recitando verdades [...]” (Santos 2010b, p. 21). Todos esses territórios em que o “pobre” pode se instituir como “sujeito desejante”, de acordo com Joel, são espaços da arte. Ainda em sua ficção, no livro *Claros sussurros de celestes ventos*, no capítulo “A fugitiva”, Olga, uma das personagens do romance foge do marido e vive durante anos da arte.

Quando Olga lhe contou que agenciava artistas da região para o rádio, lhe bateu a tristeza, nunca pensei em vê-la, depois de velha, ganhar dinheiro com arte. **Como acha que vivo, uma mulher sozinha?** (Santos 2012a, p.129, grifo nosso).

Joel faz falar a personagem, que a arte ainda pode ser um espaço do qual o “pobre” pode viver. Há aqui um paralelo com a própria Carolina. Assim como era improvável e impertinente – segundo a cultura dominante – que uma escritora como ela obtivesse êxito em sua carreira, também o era para um jogador de futebol, como Joel Rufino, escrever um livro e gostar de romances. Ambos “pobres”, negros, intelectuais que tinham como cultivo a literatura, sendo ela capaz de mostrar que o improvável é muito relativo, que criar rótulos que coloquem cada um em seu “devido lugar” é uma das formas mais cruéis de se perpetuar preconceitos. Além de ser uma ignorância comprovada em cada um que se permita a observação das trajetórias intelectuais ou de formação de identidades: a instabilidade e não um todo fechado é o que constitui o sujeito. E, mais do que isso, ao se referir à Carolina Maria de Jesus, há que se fazer uma diferenciação, pois, segundo Joel, “pobre e miserável parecem, não são a mesma coisa” (Santos 2010):

Uma líder comunitária da Rocinha, Rio, Dona Elisa, esclareceu, nos anos 80, a diferença [...] miserável é quem vê a vala negra correndo na sua porta e não faz nada; pobre, aquele que luta para acabar com ela [...]. Miserável é o pobre que desistiu de lutar (Santos 2009b, p. 90).

“Carolina foi uma *pobre sozinha*, embora solidária: nunca pretendeu organizar nada, menosprezava outros pobres, por competição mais que por convicção, talvez” (Santos 2009b, p. 121). Ela tem em si a dualidade de ser solidária – “muitas vezes dividiu comida e roupa com os mais necessitados. Funcionou também muitas vezes como juiz de conciliação, conselheira dos vizinhos” (Santos 2009b, p. 115) e, ao mesmo tempo, não se envolveu em nenhum tipo de organização da coletividade. É possível que tenha sido “pobre sozinha” por conta da necessidade de sobrevivência, pela falta de referência que a permitisse pensar soluções para os problemas coletivos, sem antes solucionar os seus próprios. Após ver outras favelas em países como Argentina, Uruguai e Chile, sua postura frente aos males da Canindé mudou: “passou de uma consciência comum à histórico-sociológica” (Santos 2009b, p. 137). Mas a tarefa de re(a)apresentação desses personagens com os quais convivia em seu cotidiano já a colocava numa condição que negava a miséria e celebrava a complexidade do sentido humano.

A escritora viveu um paradoxo, pois a “relação com a comunidade em que viveu cerca de dez anos foi quase sempre hostil – ela os desprezava, eles a detestavam” (Santos 2009b, p. 118). Já para os que a liam fora da favela, “Carolina representava os pobres” (idem). Diferente e antagônico a esta posição, Solano Trindade, “poeta negro pernambucano” responsável pelo Teatro Popular Brasileiro, “fundador da atual Embu das Artes” (Santos 2009b: p.120), foi o que Joel denominou de “pobre junto”:

[...] enfrentou a pobreza coletiva e organizadamente. [...] Foi, antes de tudo, um organizador de pobres, prolongando a **tendência organizadora do negro brasileiro**: folguedos, grupos folclóricos, orquestras, balés, irmandades, clubes, consórcios, cultos, quilombos (Santos 2009b, p. 121, grifo nosso).

Tal tendência organizativa de comunidades negras no Brasil se fizeram sentir desde o período colonial, conforme Joel assinala, e se mantém nos dias de hoje como podemos presenciar com a luta das comunidades quilombolas. Há que se destacar o próprio embate

em torno do significado do conceito de quilombo,¹⁴ visto, por alguns mecanismos jurídicos,¹⁵ como algo estático remetendo a um passado de escravidão, mas que, também tem sido reivindicado por comunidades que vivem de forma tradicional. Em um dos cargos que exerceu como gestor público, Joel Rufino atuou como presidente da Fundação Cultural Palmares, uma instituição que, além de emitir a Certidão de autorreconhecimento das comunidades quilombolas, é referência na promoção e preservação da cultura negra.

E, justamente em outra palavra que aparece insistentemente nos textos de Joel Rufino, “intelectual”, um dos sentidos possíveis que o escritor nos oferece para a concepção de intelectual é “o possuidor de um saber tradicional (isto é, herdado de intelectuais do passado) acima da média, disposto a intercambiá-lo com outros possuidores visando a produzir conhecimento [...]”, que seria “o que sei em conjunto com os outros e só se alcança pela troca de saberes” (Santos 2004, p.76). O intelectual dos pobres pode-se dizer que é o que representa o pobre, olhando sua vivência “de dentro” (Santos 2009b, p.107), mesmo que este intelectual seja pertencente a outra esfera social, mas que compartilhe conhecimentos, ou seja, lembrando mais uma vez Spivak: “os intelectuais devem tentar revelar e conhecer o discurso do Outro da sociedade” (2010, p. 22).

Mas, além de Carolina Maria e Solano Trindade, Joel destaca outro intelectual. Jorge Barbosa da Silva, conhecido como Sinhô, músico e compositor carioca, nascido em 1888, e autor de vários sambas consagrados.¹⁶ Para Joel, Sinhô foi “um singular intelectual dos pobres” (Santos 2004), pois conseguiu articular três acepções no fortalecimento do samba como cultura popular. São elas: o “*lugar* social, um bem cultural [...] e uma privatização desse bem” (Idem). É como se ele marcasse o samba como uma manifestação originária do subúrbio, dando visibilidade aos que estão envolvidos nela, dando características particulares ao samba daquela localidade, além de fazer circular nos mais diversos meios sociais aquilo que fora produzido e representa o “pobre”. Ou seja, tem uma noção de patrimônio envolvida.

¹⁴ Esse debate está na ordem do dia. Nesse sentido, a Associação Brasileira de Antropologia – ABA institucionalizou, no ano de 1994, sob a presidência de João Pacheco de Oliveira, Mariza Peirano, Rosilene B. Alvim, Eliane Cantarino O'Dwyer, Mariza Corrêa, Carlos Alberto Cardoso, Ilka Boaventura Leite e Lucia H. Van Velthem – o Grupo de Trabalho Terras de Quilombos. De acordo com o antropólogo Alfredo Wagner Berno de Almeida, integrante do Comitê Quilombo, na ABA: “o importante não é como as agências definem ou como uma ONG define ou como um partido político define, mas sim como os próprios sujeitos se autorrepresentam e quais os critérios político-organizativos que norteiam suas mobilizações e forjam a coesão em torno de uma certa identidade” (Almeida 2011, p.79).

¹⁵ Referência ao Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT, da Constituição Federal de 1988 que, segundo Almeida (2008), traz o termo “remanescente” como significando algo do passado.

¹⁶ Alguns desses sambas foram: “Fala meu louro”; “Pé de anjo”; e “Jura”.

Ao citar sua época de trabalho com Darcy Ribeiro, Joel nos deixa entrever uma concepção de patrimônio e de museu que estava em curso na época em que esteve à frente da Direção do Museu Histórico da Cidade e como ele pensava tais categorias: “... aí que está o problema: o patrimônio era outro. Em uma certa época eu comecei a falar em “contra-museu”, seria uma espécie de... o bem do museu, ele vale o quanto ele é utilizado, então inventamos uma vinda de comunidades ao museu [...]”, em geral, o lugar em que se “guarda” os artefatos culturais de determinados grupos sociais. No entanto, para além de museu na perspectiva de memória material, podemos compreender a literatura, a história, a música e o modo de viver e se organizar de determinados grupos tradicionais também como constituintes do “contra-museu” imaginário de uma determinada nação (Anderson 2008) e como parte de um patrimônio (Valle 2016).

Depois de uma breve passagem pelo olhar de personagens ficcionais e históricos, todos de alguma forma reais e por isso tratados por Joel como camadas da realidade – seja o Vinquinho, o Moleque, a Carolina, o Sinhô e tantas outras personagens que poderiam ser citadas –, preferimos dizer, assim como Eduardo de Assis Duarte no Volume II, “Consolidação”, da *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica* que “[n]esse sentido, Rufino encarna a faceta política do trabalho intelectual, ao trazer para o centro da cena os silenciados da história” (Duarte, 2011, p.99). É a concepção mesmo de artefatos de linguagem que entra em cena, percebendo esta cena, como um campo de batalha. Tal qual a história, a literatura ou qualquer outro território que seja aparentemente extra-literário, depende dessa concepção de literatura produzida por Joel Rufino dos Santos, em que há um resistente questionamento das fronteiras disciplinares e sociais.

Obras citadas

- Hall, Stuart. (2009) *Da diáspora*. Sovik, Liv (Org.) Tradução de Adelaine La Guardia Resende [et. al.] 1 ed. atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Machado, Vanda. (2003) “Por uma pedagogia nagô”. In: FONSECA, Denise P. R. (Org.) *Resistência e inclusão: história e cultura e cidadania afro-descendentes*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Consulado Geral dos Estados Unidos.
- Nogueira, Marta Severina Vieira Nogueira. (2013) *Carolina Maria de Jesus: sujeito e objeto literário*. Monografia final para o curso de pós-graduação (lato sensu) em Diversidade Étnica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.
- Santos, Joel Rufino dos. (1983) *História do negro no Brasil*. São Luís: Centro de Cultura Negra do Maranhão.

- _____. (1985) *História do negro no Brasil* (aulas ministradas durante a IV Semana do Negro no Maranhão). São Luís: Centro de Cultura Negra.
- _____. (2004) *Épuras do Social – Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global.
- _____. (2005) *Uma estranha aventura em Talalai*. 11. ed. São Paulo: Global.
- _____. (2006) *O presente de Ossanha*. 2. ed. São Paulo: Global.
- _____. (2007a) *Aventuras no país do Pinta-aparece*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- _____. (2007b) *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*. São Paulo: Moderna.
- _____. (2008) *Assim foi (se me parece)*. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____. (2009a) *A banheira de Janet Leigh*. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____. (2009b) *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond.
- _____. (2010a) A metamorfose do negro. In: Santos, Joel R. dos; Lopes, Nei; Costa, Haroldo. *Nação Quilombo*. Rio de Janeiro: ND Comunicação.
- _____. (2010b) *Bichos da terra tão pequenos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- _____. (2011) Negros são afros? *Caros Amigos*, n. 169, ano XV, p. 10.
- _____. (2012a) *Claros sussurros de celestes ventos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- _____. (2012b) Entrevistadora: Camila do Valle. Rio de Janeiro.
- Silva, Jorge da. (2008) *120 anos de abolição: 1888-2008*. Rio de Janeiro: Hamas.
- Spivak, Gayatri C. (2010) *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Valle, Camila do; Martins, Cynthia Carvalho; Nunes, Patrícia Portela (Orgs.). (2016) *Nice guerreira: mulher, quilombola e extrativista da floresta*. Rio de Janeiro: Casa 8. Coleção: Narrativas quilombolas. v.2.